

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O nome de Paulo Freire será proposto para o Prêmio Nobel da Paz deste ano por admiradores em vários pontos do planeta que o consideram o maior educador de nosso tempo

Célia Chaim

Os brasileiros não tratam o educador Paulo Freire como ele merece. O *tape-te vermelho* que lhe estendem mundo afora pode ser reconhecido imediatamente pela quinzena de títulos de *doutor honoris causa* concedidos por algumas das mais prestigiadas universidades internacionais. É um verdadeiro tapete voador. Paulo Freire, pernambucano de 71 anos, pai de cinco filhos e marido da historiadora da educação Nita, ao mesmo tempo em que é homenageado pelos camponeses de El Salvador, na América Central, desembarca em Washington DC com todas as honras, para receber o Prêmio Interamericano de Educação Andres Bello. Em outros pontos do planeta, admiradores deste brasileiro nascido no bairro da Casa Amarela, em Recife, *tramam*, no bom sentido, sua indicação para o Prêmio Nobel da Paz de 1993, sob a justificativa de que Freire representa um dos fenômenos educativos mais importantes do século 20, apontado como o maior pedagogo do nosso tempo.

Paulo Freire não faz pose de *star* diante de tudo isso. Estica o corpo na poltrona e fala com entusiasmo de sua *Pedagogia da esperança*, obra que a Paz e Terra acaba de pôr nas livrarias, um reencontro com a *Pedagogia do oprimido*, o livro que o tornou conhecido em 28 idiomas e que, neste momento, é o estandarte dos que defendem sua indicação para o Prêmio Nobel.

Pedagogia da Esperança seria um novo prefácio da *Pedagogia do oprimido*. “Depois de 22 anos de vida da *Pedagogia do oprimido*, pensei em retomar esse livro que considero hoje mais atual do que quando apareceu, em 1970”, diz ele, desculpando-se “pela falta de humildade”. Mas o processo foi tomando conta de Paulo Freire e o mero prefácio virou um novo livro — e quase mais um, com

as 52 notas escritas por sua mulher, Ana Maria Araújo Freire, Nita.

Para os que o criticaram sem o devido respeito — e conhecimento — durante os dois anos e meio em que ocupou a secretaria de Educação da prefeitura de São Paulo, *Pedagogia da esperança* é uma oportunidade para se preparar para futuras *considerações* sobre o mestre Paulo Freire. “Quando me despedi, em 27 de maio de 1991, um jornal publicou com letras grandes a seguinte manchete: ‘Reprovado, Freire volta para casa’”, lembra. “Imagine que eu acabo de receber o prêmio dado pela OEA pela excelência dos meus trabalhos nas Américas e aquele jornalista me reprovou!” Dizer que esse tipo de *analfabetismo* não o fere, Paulo Freire não diz. “Eu mentiria se dissesse que essas coisas não me magoam. Fiquei ferido como brasileiro e penalizado diante de tamanha ignorância.”

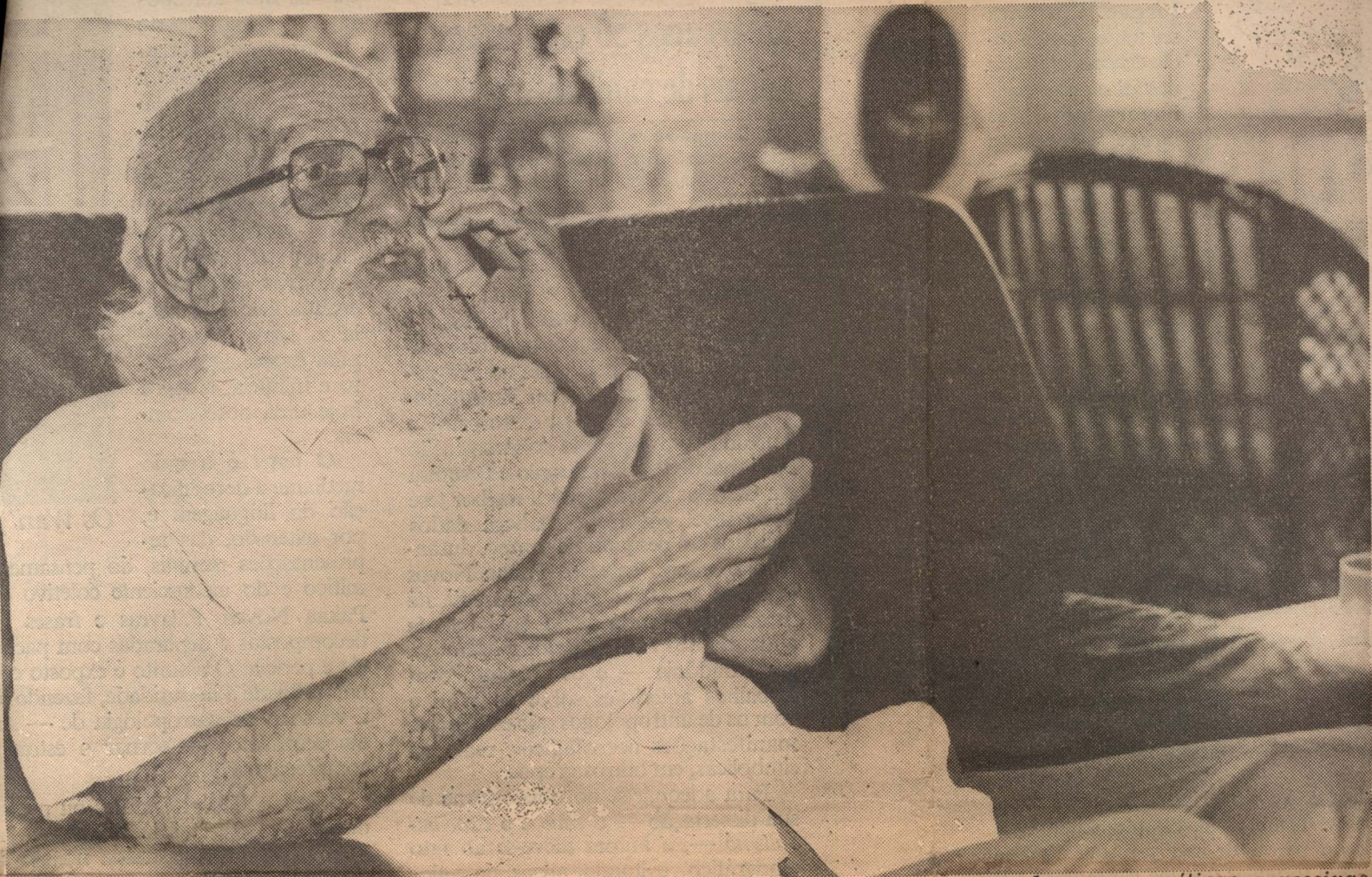
Ele se despediu antes do final do mandato de Luiza Erundina para voltar para casa, para a poltrona que, no inverno, o acomoda bem perto da lareira de sua sala de visitas. Estava com saudade de escrever, de ler, de dar aulas. E, convenhamos, cansado da *perseguição* da imprensa. O autor de *Pedagogia do oprimido*, obra nem sempre bem compreendida em sua língua nativa,

leu muitas besteiras a seu próprio respeito nos dois anos e meio em que, junto de sua equipe, chacoalhou a secretaria da Educação em São Paulo, cuidando, ao mesmo tempo, da quantidade e da qualidade do ensino na cidade.

Deixou um ponto de partida impossível de ser descartado pelo novo prefeito, Paulo Maluf. “Algumas coisas que fizemos vão brigar para não serem interrompidas”, diz. “Mas a sociedade brasileira é profundamente autoritária e quatro anos fazem muito pouco diante de 500. Nós temos 500 anos de *sabe com quem está falando?* e passamos quatro sem fazer esta pergunta.”

Nos dois anos e meio de *poder* para combater na prática o elitismo

“A sociedade brasileira é profundamente autoritária e quatro anos fazem muito pouco diante de 500. Temos 500 anos de sabe com quem está falando?”



Paulo Freire não faz pose de star diante das homenagens, mas admite que fica magoado com as críticas agressivas

pedagógico, Paulo Freire e sua equipe fizeram um governo colegiado dentro da secretaria de Educação, “com a ingerência do menino, da mãe e do pai do menino”. Não lhe sobrou tempo para ler um único capítulo de livro. Também escreveu muito pouco. “Em compensação, sempre fui muito atacado, muito distorcido por muitas bobagens.” Há mais de 60 anos a ciência mostrou que é absurdo alfabetizar começando pelas letras. Mas quando Paulo Freire falou que não era possível que a professora continuasse dando zero e riscando o trabalho porque a criança dizia *a gente chegamos*, no dia seguinte teve de ler em algum jornal algo no gênero: *Com Freire não vai haver correção*. “Eu não poderia dizer jamais uma burrice dessas. Não há vida sem correção, sem retificação.”

O que ele dizia, de fato, é que era preciso respeitar a sintaxe do menino popular. E não reprová-lo apenas pelo *a gente chegamos*, reforçando um fenômeno maior e mais trágico que é, na prática, o da expulsão das crianças das escolas — ou o que os técnicos chamam de evasão escolar. “As crianças jamais se evadem das escolas. Essa palavra *evasão* é puramente ideológica. As crianças são

expulsas da escola pelo descaso dos governos, pelo despreparo científico dos professores e pela ideologia elitista das escolas brasileiras.”

Rigorous, Paulo Freire não deixa apenas que a ideologia o persiga, como o perseguiu durante os 15 anos em que viveu no exílio, iniciado logo depois do golpe de 1964, quando foi preso e acusado de subversivo e ignorante (o inquérito policial-militar mais tarde foi arquivado por “inépcia da denúncia”). Ele também a persegue constantemente. Por isso não admite ouvir essa história de evasão escolar. “Os meninos estão proibidos, interditados de entrar na escola.”

Teimoso, também. Por acreditar que o ato de escrever é precedido do ato de falar sobre o que se vai escrever, Paulo Freire passou um ano falando sobre a Pedagogia do Oprimido ainda não escrita. Era tão insistente que, certo dia, uma de suas três filhas, a extraordinária educadora Madalena Freire, delicada e discretamente lhe sugeriu:

— Meu pai, eu acho que você

está sem limite. Não pode vir ninguém aqui em casa que em poucos segundos você já começa a falar de um novo capítulo. Espera, publica e o povo lê.

Paulo Freire ouviu tudo atentamente. “Fiquei um pouco vergonhoso, ouvi a advertência dela, mas não aceitei. Fiz até uma conferência em Nova York sobre o livro que ainda não estava escrito.” Foi a etapa final da *fase oral* da Pedagogia do Oprimido, contada por ele em detalhes em *Pedagogia da esperança*. “Conto as noites que atravessei, dou até os endereços de onde tra-

balhei, como trabalhava as fichas, como lia, como relia.” Paulo Freire perece feliz com o resultado desse trabalho. Feliz e — por que não? — esperançoso. “O livro é uma canção à esperança.” Nada surpreendente para quem, na prática e no Brasil, ficou feliz como uma criança ao assumir uma secretaria que sequer punha giz nas escolas e teimava em empurrar para os *meninos* boa parte da culpa pela tragédia da educação no país.

“Essa palavra evasão é puramente ideológica. As crianças são expulsas da escola pelo descaso dos governos e pela ideologia elitista do ensino brasileiro”